



# ANTIFASCISMO É LUTA PARA O NOSSO TEMPO

A URAP termina o ano de 2021 imersa em intensa actividade. Podemos mesmo arriscar dizer, sem incorrer em excessos literariamente convenientes, que a URAP se está a reforçar. Dizemos isto não apenas pelo conjunto de iniciativas públicas, sessões e visitas que tem organizado e de que este boletim tem dado nota, mas, sobretudo, pela paulatina consolidação da sua organização em torno de núcleos locais com implantação em vários pontos do país. Isto é uma questão central nos tempos que correm: a necessidade de ligação e de enraizamento da URAP junto das populações – sendo claro que esse enraizamento se dá através da actividade, ou não estivessem ambas, organização e actividade, em relação de profunda interdependência.

Mas poderemos perguntar para quê. Se não tomarmos a nossa intervenção imbuídos de um pouco saudável espírito tarefeiro, a pergunta adquire um conteúdo pertinente e crítico. Porque, da resposta, surge a orientação concreta para a nossa acção. E esta é, na verdade, uma resposta não acabada que tem de ser diária e colectivamente construída.

Portanto, para quê uma organização antifascista, posto que o fascismo já acabou? Já? O Estado fascista português foi derrubado por uma revolução, é certo. Mas as ideias e as organizações fascistas existem e estão em movimento. Cabe aos antifascistas travar o seu desenvolvimento, impedir que elas não só não permeiem a ideologia como não permeiem as políticas. E fazê-lo é tanto mais difícil – e tanto mais importante – quanto elas não se revestem dessa classificação.

Mas, como classificar, as tentativas de impedir Reuniões Gerais de Alunos por parte de Conselhos Directivos de escolas? Como classificar os obstáculos colocados à realização de plenários sindicais nas empresas e à entrada dos delegados sindicais ou o despedimento selectivo de trabalhadores sindicalizados? Como classificar a intervenção do Governo no condicionamento ilegal, com recurso a forças policiais, da acção de piquetes de greve?

Os tempos que vivemos, enfrentando uma epidemia, são particularmente

traíçoeiros para a democracia: falsamente em nome da saúde, suspende-se (se puder ser, para não voltarem) direitos e liberdades individuais e colectivas fundamentais. O medo encarrega-se de abrir caminho... O melhor truque é tornar *suave e natural* (e, de preferência, apresentado em pacote moderno) a abdicação da liberdade.

É preciso uma URAP forte para denunciar o que foi o Estado fascista em Portugal. Esta tarefa, que temos levado a cabo, não desempenha apenas o papel de preservação da memória do passado, ela visa o presente e o futuro. Mas é preciso uma URAP forte também para conseguir identificar e actuar sobre as expressões actuais de limitações à democracia, entendida no seu alcance pleno – que se situa bem além do direito formal ao voto. Num sentido propriamente radical, é preciso ir à raiz do problema para secar as condições objectivas e subjectivas de que a extrema-direita se alimenta.

Por isso, a luta antifascista está em tudo ligada à luta contra a pobreza e a exploração: à luta por maiores salários, por menos tempo de trabalho, contra o desemprego, pela estabilidade e segurança no emprego, por creches, pelo serviço nacional de saúde, pela educação pública gratuita e de qualidade, pela cultura, pelo desporto, etc.

A luta antifascista é, pois, uma luta de fundo.

## 25 DE ABRIL NAS ESCOLAS

Ex-presos contam experiências junto dos jovens a falar da resistência e da revolução  
Págs. 6 e 7

## ENTREVISTA COM SILVESTRE LACERDA, DIRECTOR DA TORRE DO TOMBO - Págs. 10 e 11

## LIVRO «ELAS ESTIVERAM NAS PRISÕES DO FASCISMO» JÁ VAI NA SEGUNDA EDIÇÃO - Pág. 2

# «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo»

## LIVRO APRESENTADO EM TODO O PAÍS GANHA SEGUNDA EDIÇÃO

O livro «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo», obra que presta homenagem às mulheres presas pelas polícias políticas da ditadura fascista e fornece informação sobre a situação e estatuto das mulheres nesse período, foi apresentado em diversas iniciativas promovidas pelos núcleos da URAP em **Lisboa, Aveiro, Almada, Moita, Amadora e Coimbra**.

O Ateneu de **Coimbra** acolheu no dia 24 de Novembro uma sessão de apresentação da obra, cabendo a Vítor Dias, ex-presos político e membro do Conselho Nacional da URAP, abordar o conteúdo da obra e a realidade que ela retrata.

Já no dia 13 de Novembro, Adelino Silva, do Conselho Nacional da URAP, tinha participado numa sessão na **Amadora**, com cerca de 20 pessoas, para apresentar a obra que divulga também as organizações femininas existentes à época, cartas as organizações femininas e democráticas do mundo inteiro e que fala das mães que caminharam para as prisões e de diversos aspectos da vida prisional.

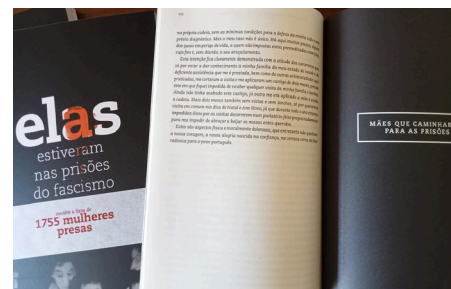
Em **Lisboa**, na Torre do Tombo, a apresentação, a 20 de Outubro, foi feita pelo historiador Luís Farinha, que considerou que «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo» é um tributo directo à memória e à verdade, um memorial das vítimas do fascismo, uma obra que «não sendo um livro de História é, contudo, um contributo precioso para um estudo histórico que lhe venha a suceder». A sessão, na qual participaram cerca de 50 pessoas, foi presidida por Celestina Leão, membro da mesa da Assembleia Geral da

URAP, e interveio ainda o coordenador, José Pedro Soares.

A 18 de Setembro, o auditório do Museu de **Aveiro**/Sta. Joana foi o palco escolhido para apresentar a obra, numa sessão em que participaram cinco mulheres antifascistas: Alcina Fernandes, Conceição Matos, Fernanda Simões, Manuela Silva e Zita Leal. Presidida por Fernanda Simões, do núcleo de Aveiro da URAP, a sessão iniciou-se e terminou com a leitura de poemas da autoria de Zita Leal pela própria, referentes à condição da Mulher.

Anteriormente, a 11 de Setembro, a directora do Museu do Aljube Resistência e Liberdade, Rita Rato, foi a oradora principal da sessão de lançamento do livro que foi organizada pelo núcleo de Almada da URAP. Na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, perante uma assistência de 160 pessoas, a sessão iniciou-se com a exibição de um filme que compila extractos de entrevistas a mulheres presas, nas quais estas prestam testemunhos da sua vida e luta, realizadas pelo Museu do Aljube. A mesa da sessão era constituída por Marta Matos, que presidiu, e Carlos Mateus, do Conselho Directivo da URAP, e pela própria Rita Rato.

No mesmo dia 11 de Setembro, o núcleo da URAP da **Moita** lançou o livro numa sessão em Alhos Vedros, na qual foram oradores Irene Marques, Diamantino Cabrita e Maria Alberto. Na presença de mais de meia centena de pessoas foi apresentado este estudo sobre a mulher sob o fascismo, nas cadeias e na participação em



três fugas, nas lutas sociais e nos combates pela democracia.

Já após o fecho desta edição do boletim, estava previsto realizar-se mais três apresentações: no dia 11 de Dezembro, em **Almada**, com Marianela Valverde e Amélia Pardal, e a actuação das Cantadeiras da Essência Alentejana; no dia 14 em **Évora**, com as intervenções de Rita Rato e Sara Fernandes, testemunhos de familiares de uma ex-presa política e um momento musical com Ulisses Couvinha; e, no dia 19 de Dezembro, em Santa Iria de Azóia (**Loures**), com Marília Villaverde Cabral.

### SEGUNDA EDIÇÃO JÁ DISPONÍVEL

No dia 30 de Outubro, Marília Villaverde Cabral, vice-presidente da Assembleia Geral da URAP apresentou em **Peniche** a segunda edição do livro, que, tal como a primeira edição, fornece dados estatístico sobre as mulheres e as prisões para o período entre 1934 e 1974. A sessão decorreu em simultâneo com um encontro/convívio promovido junto ao Museu Nacional da Resistência e Liberdade.

# URAP

## URAP

Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2

1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

## URAP HOMENAGEIA ORLANDO GONÇALVES NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

O núcleo da Amadora da URAP homenageou, dia 23 de Outubro, Orlando Gonçalves no centenário do seu nascimento, no auditório da Escola Secundária Seomara da Costa Primo, numa sessão dirigida por João Cravo, professor e investigador.

Na homenagem, na qual estiveram cerca de 60 pessoas, participaram Orlando César, jornalista e professor de jornalismo, que traçou uma biografia de Orlando Gonçalves, seu pai, e Sérgio Ribeiro, economista, ex-presos político, colaborador do Notícias da Amadora e seu director interino.

Orlando Gonçalves, escritor, jornalista, director do jornal Notícias da Amadora, resistente à ditadura fascista (estava preso

em Caxias em 25 de Abril de 1974) foi, após o movimento dos capitães, autarca em Oeiras e na Amadora e um dos construtores do concelho da Amadora.



## ACTIVIDADE DA URAP ANALISADA EM CONSELHO NACIONAL

O Salão Nobre da Casa do Alentejo encheu-se de activistas da URAP que, no dia 13 de Outubro, participaram numa reunião do Conselho Nacional para discutirem a situação actual da organização e do país num ponto único e muito abrangente da ordem de trabalhos.

A mesa foi presidida por Marília Villaverde Cabral, vice-presidente da Assembleia Geral, e os cerca de 60 presentes, entre os quais membros de 14 núcleos, abordaram questões relacionadas com as recentes eleições autárquicas, a afirmação da natureza antifascista da URAP e da importância da sua intervenção na denúncia e no combate a projectos e actividades de natureza reaccionária e de extrema-direita, e a necessidade do permanente exercício e defesa dos direitos e conquistas democráticas consagradas na Constituição da República.

Foram discutidos ainda aspectos da organização e funcionamento dos órgãos e dos núcleos, numa perspectiva de reforço do trabalho e da influência da URAP na sociedade.

Igualmente foram referidas iniciativas centrais em preparação, como a realização



de excursões a museus e locais históricos da resistência antifascista e sessões públicas de apresentação das publicações da URAP.

A importância de se prosseguir com as sessões junto da comunidade escolar foi sublinhada, para ajudar a que os mais jovens

possam conhecer a nossa história mais recente de luta pela liberdade, para melhor poderem valorizar e exercer os seus direitos de cidadania tão duramente conquistados há quase cinquenta anos.

## EVOCAÇÃO DOS 60 ANOS DA FUGA DE CAXIAS

A URAP evocou a heróica fuga de oito militantes comunistas da prisão de Caxias, no carro blindado de Salazar, numa iniciativa realizada naquela localidade do concelho de Oeiras realizada no próprio dia - 4 de Dezembro - em que se assinalava o

seu 60.º aniversário. Dirigida por Clemente Alves, ex-presos político, entrevistaram Álvaro Pato, também ele um antigo preso político naquela cadeia e membro dos órgãos sociais da URAP, e Domingos Abrantes, participante na fuga. A Câmara Municipal

de Oeiras fez-se representar por Luís Godinho, director do Património Imaterial.

Por se ter realizado já perto do fecho desta edição do Boletim, tratamos muito sumariamente esta importante iniciativa. Voltaremos a ela na próxima edição.

## NÚCLEO DA MOITA REALIZOU CICLO DE CINEMA

O núcleo da Moita da URAP promoveu o II Ciclo de Cinema, sobre a Resistência na Segunda Guerra Mundial, em que cada um dos quatro filmes deu o mote a interessantes e vivos debates.

A 18 de Setembro **Vem e Vê**, de Elem Klimov (um dos mais impressionantes filmes de guerra alguma vez feitos), deu mote à conversa com José Pedro Soares, ex-presos político e coordenador da URAP.

Dias depois, a 22, foi a vez de **Quem Escreverá a Nossa História?**, de Roberta Grossman, sobre o gueto de Varsóvia. Domingos Abrantes, também ele um antigo preso político, foi o convidado dessa sessão.

**Debaixo do Céu**, de Nicholas Oulmam, foi o filme exibido no dia 29, que retrata a perseguição dos nazis aos judeus e de como muitos deles encontraram em Portugal um porto de esperança. Armando Sousa Teixeira comentou a obra.

O ciclo terminou a 6 de Outubro com **O Espírito de 45**, de Ken Loach, que destaca o entusiasmo do pós-guerra e o sonho de construção de um mundo novo, melhor. A lançar o debate esteve José Goulão, jornalista e escritor.



## URAP FAZ VIAGEM DA RESISTÊNCIA A CAMPO MAIOR, ELVAS E BADAJOZ

Conhecer o «massacre de Badajoz em 14 de Agosto de 1936», após a ocupação da cidade pelas tropas nacionalistas de Franco, a que se seguiu a liquidação de centenas de republicanos, anarquistas, socialistas e comunistas, foi o tema principal de uma viagem organizada pela URAP a Badajoz, nos dias 15 e 16 de Outubro.

Na excursão, realizada sob o signo da Memória, Resistência e Luta, Convívio, Cultura e Lazer, participaram 34 activistas da URAP, dos quais seis membros dos órgãos dirigentes.

Na manhã do dia 16, houve um encontro com José Manuel Corbacho, advogado e presidente da ARMHEX - Associação para a Recuperação da Memória Histórica da Extremadura, e Júlia Corbacho, directora da Biblioteca Central da Extremadura.

A associação luta pela divulgação da verdade dos factos ocorridos, pela justiça e pela reparação, ainda que simbólica, junto das famílias e pela recuperação e identificação das ossadas dos republicanos assassinados e enterrados em valas comuns.

José Manuel Corbacho destacou a importância do apoio da ditadura portuguesa ao golpe de estado de Franco contra a II República, legitimamente eleita, e referiu a grande importância que as populações



portuguesas raianas tiveram no apoio a muitos refugiados indefesos que obtiveram abrigo em Elvas e em Barrancos, tendo o governo da Extremadura atribuído ao povo desta última, em 2009, a medalha da Extremadura, a sua mais alta distinção honorífica, como agradecimento pelo apoio da população anónima e de pessoas como o tenente Seixas, da Guarda Fiscal Portuguesa.

Foi também referido o facto de, por proposta da Associação ARMEHX, a Assembleia Municipal de Badajoz ter aprovado por unanimidade, em 2016, a atribuição dos nomes de Humberto Delgado e da sua secretária Arajaryr Campos, conjuntamente, a uma artéria da cidade, ambos assassinados pela PIDE em 13 de Fevereiro de 1965, perto de Badajoz.

A viagem incluía ainda deslocações a Campo Maior e Elvas. Na manhã de dia 15, em Campo Maior, o grupo da URAP visitou a Adegas Mayor e o Museu de Ciência do Café,

ambos propriedade do Comendador Rui Nabeiro, nos quais se ficou a conhecer o modelo de produção dos vinhos e do café, daquelas que são as mais importantes empresas do tecido económico da região.

Durante o almoço em Campo Maior esteve presente um companheiro espanhol amigo da URAP, Moisés Cayetano Rosado, historiador, licenciado em Filosofia e Ciências da Educação e doutorado em Geografia e História, diretor da revista «O Pelourinho», dedicada a aspectos da vida raiana e temas históricos e sociais da realidade dos dois lados da fronteira, nomeadamente à luta, vítimas e lugares da repressão nas ditaduras ibéricas.

A tarde foi dedicada a uma visita guiada ao centro histórico de Elvas, que em conjunto com as suas muralhas e fortificações abaluartadas, as maiores do mundo, são Património Mundial da Humanidade, atribuído pela UNESCO em 2012.

## MUSEUS, TESTEMUNHOS MATERIAIS DO FASCISMO E DA RESISTÊNCIA

AURAP conduziu as visitas promovidas pela Sociedade Musical e Recreativa União Setubalense e a Associação de Amizade Portugal-Cuba respectivamente ao Museu Nacional Resistência e Liberdade, na fortaleza de Peniche, e ao Museu do Aljube Resistência e Liberdade, em Lisboa.

A primeira, que reuniu 30 pessoas, realizou-se em 17 de Outubro e a segunda a 27 de Novembro, contou com 22 presenças. Nesta última, participou a representante consular da Embaixada de Cuba, Jessellys Roque.



A guiar ambas as visitas esteve Adelino Pereira da Silva, antigo preso político e membro do Conselho Nacional da URAP.

## V ENCONTRO-CONVÍVIO

### LEVA 300 DEMOCRATAS À FORTALEZA DE PENICHE EM DIA DE CHUVA



Cinco anos volvidos após a grande mobilização de democratas e antifascistas junto ao Forte de Peniche visando a reversão da decisão governamental de entrega daquele local a privados para fins hoteleiros, que contribuiu para a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade, a URAP organizou um encontro/convívio no dia 30 de Outubro, que contou com a participação de perto de 300 pessoas.

Os activistas e amigos da URAP presentes no Forte de Peniche vieram de diversos pontos do país, nomeadamente Alenquer, Amadora, Aveiro, Bobadela, Braga, Cacém, Lisboa, Marinha Grande, Mem Martins, Queluz, concelho de Loures e Vila Franca de Xira; e de concelhos da Península de Setúbal como Almada, Baixa da Banheira, Barreiro, Moita e Seixal; e também de Évora e Montemor-o-Novo.

Depois da saudação feita pelo membro do Conselho Nacional e coordenador do núcleo de Peniche da URAP, João Neves, e do momento musical dos «Amigos de Abril», que interpretou conhecidas canções da resistência, tomou a palavra o expreso político, em Peniche e Caxias, Mário Araújo.

Mário Araújo, do Conselho Nacional da URAP, felicitou a recém-nomeada directora do museu, Aida Rechená, e agradeceu a todos os que nele trabalham, sublinhando «a forma empenhada e simpática com que asseguram, no dia-a-dia, a

recepção dos visitantes (100 mil só nos primeiros cinco meses após a sua abertura em Abril de 2019, e 16 mil já em Agosto de 2021) bem como o funcionamento do museu».

Depois de desejar que as obras terminem em breve e se possa proceder à inauguração do museu, Mário Araújo destacou a importância da existência «logo à entrada, do Memorial onde se inscrevem os nomes dos encarcerados que aqui passaram anos amargos das suas vidas».

Para finalizar, afirmou que «este será sempre um local de memória futura e a Fortaleza de Peniche, sendo um iniludível símbolo do terror fascista, é também, nos dias que correm e certamente continuará a sê-lo no futuro, um dos mais elevados exemplos, bandeira e símbolo da resistência contra o terror, de onde se elevou o melhor do que o ser humano é capaz: a coragem de dizer não e lutar pela liberdade e a democracia».

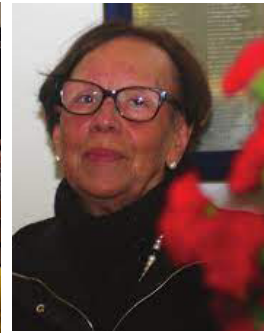
A directora do museu, Aida Rechená, que encerrou a sessão, saudou os presentes e manifestou o empenho no prosseguimento dos trabalhos que possibilitem a conclusão da instalação do museu e destacou a importância determinante da luta e empenho de todos os democratas e resistentes antifascistas para que ele seja uma realidade.

Anteriormente, Marília Villaverde Cabral, apresentou a segunda edição do livro «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo», posta à venda, pela primeira vez, naquele mesmo lugar. A vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral da URAP fez uma resenha do conteúdo do livro e começou por destacar que «logo na primeira página, pode ler-se a dedicatória: “a todas as mulheres portuguesas que, em tempos de medo, silêncio e opressão contribuíram com palavras e actos de resistência para a construção do caminho solidário para a liberdade e a democracia”».



*Resistentes falam das suas experiências nas escolas, em sessões sobre o fascismo e a resistência*

## SEMENTES DE LIBERDADE



Celebrar o 25 de Abril nas escolas, junto dos jovens, é uma actividade a que a URAP dá grande importância. Todos os anos, de Norte a Sul do País, são milhares de jovens de diferentes idades que ouvem de viva voz, de resistentes antifascistas e antigos presos políticos, relatos sobre a natureza repressiva e exploradora do fascismo e a corajosa e abnegada luta pela liberdade e a democracia e reflectem sobre a necessidade de defender e concretizar os valores de Abril.

Quatro desses antifascistas - Adelino Pereira da Silva, Conceição Matos, João Marcelino e Maria João Ribeiro - contam as suas experiências, certos da importância desta sua acção.

**Conceição Matos** realça o impacto que aquelas sessões têm junto dos jovens e dos próprios professores. Numa ocasião, à saída,

*«veio um homem ter comigo e diz-me: “ó minha senhora, a senhora não faz ideia o que é que fez por estes jovens. Eles nunca mais vão esquecer aquilo que ouviram aqui. Olhe, e eu próprio, que sou mais velho que eles, tinha alguma ideia, mas não me passava pela cabeça. Viu como é que eles estavam? Como se dirigiam a si?”. (...) É impressionante como eles ficam em silêncio.»*

Também **João Marcelino** destaca a forma como normalmente decorrem as sessões:

*«Normalmente, as escolas juntam duas ou três turmas. Os jovens ficam com muita atenção a tudo o que nós explicamos, com muito respeito. É uma coisa extraordinária.»*

**Adelino Pereira da Silva** não tem dúvidas acerca do valor destas iniciativas:

*«Eu creio que vale sempre a pena porque estes miúdos acabam por fazer desenhos relativos ao 25 de Abril e à forma como imaginam que era o fascismo, e isso é um treino para os miúdos que depois não esquecem, mantendo vivas estas questões.»*

**Maria José Ribeiro** concorda e lembra a sua experiência, centrada sobretudo na região Norte. Uma vez, numa escola em Esposende

*«tinham um trabalho feito pelos alunos na aula de Português sobre as letras de canções do Zeca Afonso. Depois vieram alunos apresentar esses trabalhos e surgiram perguntas tão simples como “Conheceu o Zeca Afonso?” e depois lá dava para dizer “sim, nos colóquios, nos debates, no 8 de Março, no Dia do Estudante.”»*

Se muitos jovens ouvem aí, pela primeira vez, relatos sobre o fascismo, a repressão e a coragem dos que lhe resistiram, alguns têm já algum conhecimento acerca destas questões.

Um deles, de 12 ou 13 anos, recorda **Adelino Pereira da Silva**,

*«dizia que tinha ido ao Aljube com os pais e que metiam as pessoas nuns buracos sem luz e sem janelas, etc., e depois rematava: “eu não conseguia estar ali. Como é que os presos aguentavam?” E eu até lhe respondi que ele próprio já tinha pensado nisso, devia ter uma ideia porque é que os presos aguentavam ou tentavam aguentar (...) porque se acredita*

*que vale a pena lutar contra as injustiças e que aquilo era uma grande injustiça. E ele estava de acordo com isso.»*

Em algumas das sessões em que participou, **Maria José Ribeiro** notou que alguns dos jovens

*«mesmo que não participem muito nos debates, já conhecem algumas destas questões, porque são de zonas em que houve muitas lutas e continua a haver e há uma história - das minas e dos mineiros e da exploração - e eles que crescem lá têm algumas referências.»*

### A repressão, a guerra, o quotidiano

O conteúdo das sessões, como é evidente, é adaptado à idade dos jovens e à sua realidade. Se a repressão é denunciada - as prisões, as torturas -, muitas vezes são os exemplos do quotidiano que mais surpreendem os estudantes.

Na primeira vez em que participou numa dessas sessões, **Maria José Ribeiro** recorda:

*«estavam lá os juvenzinhos e a meio da conversa começaram a mimar-se e eu, como estava a dar exemplos, disse: “olha, isso era proibido no fascismo”. E eles: “o quê?” “Sim, não podias tocar na mão” [...] e depois tinha lá uns elementos [...] e dei-lhes a relação das multas [...] e foi a gargalhada geral [...] na cabeça deles não entrava uma coisa dessas, não é?»*

Também **João Marcelino** realça aspectos que vão para lá da repressão,



referindo-se à guerra colonial, à ausência de liberdades e à pobreza que afectava largas camadas da população:

*«Falo como é que era a minha vida em criança. Explicava-lhes que, quando fui para a escola, andava descalço. A minha mãe era viúva, tinha oito filhos menores, não tínhamos subsídios nenhuns do Estado, portanto tínhamos que começar a trabalhar. Eu faltava à escola primária para ir trabalhar, ia para as vindimas, trabalhava no campo, etc. Explicava-lhes o que era a vida de uma criança nesse tempo.»*

**Adelino Pereira da Silva** tem experiências semelhantes.

*«Eu explico como se vivia naquele tempo e falamos sobre isso. Eles depois acrescentam algumas coisas, nomeadamente: “então, vocês andavam na clandestinidade mas tinham filhos... Como é que era?”. Faz-lhes uma grande confusão como é que era ter filhos na vida clandestina. Quando os pais eram presos, o que acontecia aos filhos?»*

No caso de **Conceição Matos**, é a tortura que mais questões suscita nos jovens, sobretudo nos mais crescidos:

*«Quando se falava em torturas, aí é que os miúdos começam a fazer perguntas. Normalmente conto a minha experiência pessoal. Falava do assalto à casa, de ter queimado os papéis e daí vêm as perguntas: como tinha arranjado forças para não falar; se alguma vez tinha pensado que ia falar. E eu explicava que era preciso ter uma grande força e interiorizar que não se deve falar, que não podia trair os meus camaradas e o*

*meu Partido e que muitas vezes pensava que para deixar de sofrer punha outros a sofrer.»*

**Maria José Ribeiro** concorda com a necessidade de «trocar por miúdos» a realidade.

*«Quando falamos de “liberdade” é assim uma coisa abstrata, mas com os exemplos, com o problema das prisões, com a proibição de exercer a profissão - na escola fala-se das professoras que eram proibidas de ensinar e de uma professora que não podia casar com um senhor que ganhasse menos do que ela - eles aí ficam com um ar muito incomodado. Tal como quando se fala nas crianças que crescem sem os pais e da grande questão que é a causa que os levou à cadeia.»*

Para além das palavras, os resistentes antifascistas levam muitas vezes consigo para estas sessões objectos marcantes. **Conceição Matos** costuma mostrar

*«a foto prisional da Albina Fernandes com o filho Rui ao colo e falo dessa história e digo mesmo que estive presa com a mãe do Álvaro e da Isabel Pato, a Antónia. Conto a história dizendo que a PIDE também prendia as crianças e que algumas delas nasciam mesmo sob prisão, mas isto tudo depende da idade das crianças.»*

**Adelino Pereira da Silva** considera útil exibir filmes ou mostrar objectos, pois «ajuda os miúdos a porem questões». No seu caso, mostra muitas vezes

*«os desenhos que eu fazia e pintava e depois transformava em bonecos articulados, que davam grande*

*vivacidade [às sessões] e uma dinâmica diferente às perguntas. Levo também mensagem em mortalinhas daquele papel fininho de fazer os cigarros, que também os entusiasma: “mas como é que você fazia isto tão pequenino, como é que se escrevia?”»*

Em algumas das sessões em que foi, **José Marcelino** viu exposta a reprodução da sua ficha prisional, mas ele próprio leva alguns materiais de apoio:

*«Também tenho uma gravação com uma série de cantores de referência, o Zeca Afonso, o Adriano, etc., e eu vou explicando o que é que são as coisas. Tem a Mãe com Lágrimas e eu explico que aquela mãe chora porque os filhos estão na guerra colonial. A partir daí, a conversa nunca mais acaba.»*

## Motivar a reflexão

Este permanente contacto com jovens, nas escolas, é para continuar. **Adelino Pereira da Silva** valoriza muito o facto de

*«as escolas e os professores se interessarem por ensinar aos miúdos coisas desta natureza, que mexem com os pais e com os filhos.»*

Para **Maria José Ribeiro**, trata-se de uma actividade

*«extremamente importante, pois os jovens têm o privilégio de poderem conversar com alguém que passou por tudo isto.»*

São sementes que se lançam à terra!

# MORTOS QUE A

*Nos últimos meses, faleceram destacados antifascistas, que a URAP aqui recorda. Com percursos diversificados, c*

## Carlos Costa

Carlos Costa, nascido em Fafe em 1925, morreu dia 6 de Setembro passado. Resistente antifascista desde a juventude, aderiu ao PCP em 1943, participando na fundação do MUD Juvenil, a cuja Comissão Central pertenceu.

Em 1948, aos 20 anos, foi preso pela primeira vez. Conheceu a vida na clandestinidade e assumiu responsabilidades por organizações do PCP de Lisboa e do Algarve. Em Junho de 1953 volta às prisões do fascismo, tendo participado na conhecida Fuga de Peniche, a 3 de Janeiro de 1960, juntamente com outros camaradas seus, entre os quais Álvaro Cunhal.

Em Dezembro de 1961 é novamente preso pela PIDE, apenas saído em liberdade em Agosto de 1969, tendo em seguida retornado à clandestinidade.

Depois da Revolução de Abril de 1974, foi sucessivamente eleito deputado à Assembleia da República pelo Círculo Eleitoral do Porto, nas eleições de 1979 a 1987. Era membro da URAP.

Na mensagem de condolências enviada à sua família, e em especial à companheira Margarida Tengarrinha, a URAP destacava o «legado de combatente antifascista» que, também nos tempos actuais, «permanece como exemplo de



permanente actividade antifascista e em prol da democracia e liberdade».

## Jorge Sampaio

Jorge Sampaio, antigo Presidente da República, morreu dia 10 de Setembro, aos 81 anos, no Hospital de Santa Cruz, Carnaxide.

Jorge Fernando Branco de Sampaio nasceu em Lisboa, a 18 de Setembro de 1939, foi presidente da República durante dois mandatos, de 1996 a 2016.

Antifascista desde a juventude, desempenhou um papel importante no movimento associativo estudantil de resistência à ditadura, em particular na Crise Académica de 1962, enquanto secretário-geral da RIA (Reunião Inter-Associações), integrou a CDE, sendo candidato em 1969, depois de ter participado activamente na campanha

presidencial de Humberto Delgado, em 1958.

Militou no Movimento de Acção Revolucionária (MAR), o Movimento de Esquerda Socialista (MES) e por fim, em 1978, aderiu ao Partido Socialista (PS), do qual foi secretário-geral (1989-1992). Foi deputado à Assembleia da República. No Conselho da Europa foi membro da Comissão Europeia dos Direitos do Homem.

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, entre 90 e 96, fez uma coligação com a CDU para governar Lisboa. Após ter deixado a presidência da República foi escolhido pela ONU para Enviado Especial do secretário-geral das Nações



Unidas para a Luta contra a Tuberculose, e depois para Alto Representante para a Aliança das Civilizações.

Formado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, desenvolveu uma carreira solidária de advogado, com grande destaque como advogado de presos políticos

## Luísa Irene Dias Amado

Luísa Irene Dias Amado, membro do Conselho Nacional da URAP e antiga presidente da direcção, morreu dia 30 de Outubro, em Lisboa, aos 96 anos.

A autora dos versos de uma das canções de resistência de Fernando Lopes Graça, «Cantemos um Novo Dia», foi militante antifascista desde a juventude, pertenceu ao MUD Juvenil e mais tarde ao MUD. Professora do Liceu Francês, em Lisboa, até à reforma, foi impedida de

leccionar em estabelecimentos públicos pelo governo salazarista.

Luísa Irene Dias Amado foi uma das principais dinamizadoras e integrou durante longos anos a Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril. Nascida a 8 de Outubro de 1925, era filha de Luís Ernâni Dias Amado, médico e investigador, e mulher de Sérgio Carvalhão Duarte, com quem tinha dois filhos.



# VIDA NÃO LEVA

Contribuíram todos para o fim do fascismo, para a Revolução de Abril e para a construção da democracia em Portugal.

## Sérgio Carvalhão Duarte

Sérgio Carvalhão Duarte, médico, especialista em patologia clínica, que trabalhou longos anos nos Hospitais Cívicos de Lisboa, nomeadamente no Hospital de Sta Marta, morreu em Lisboa, dia 5 de Novembro, aos 97 anos.

Membro da URAP, Carvalhão Duarte foi um antifascista que militou nos movimentos contra a ditadura, como o MUD e o MUNAF, participou nas campanhas eleitorais para a presidência

da República de Norton de Matos e Humberto Delgado, e esteve envolvido nas lutas dos médicos por diversas causas da classe.

Carvalhão Duarte, nascido a 27 de Junho de 1924, foi casado com a ex-presidente da URAP, a antifascista Luísa Irene Dias Amado, professora, que morreu no passado dia 30 de Outubro, aos 96 anos.



## Firmino João Martins

Firmino João Martins, membro da URAP e militante do PCP, morreu dia 12 de Novembro, em Albufeira, aos 96 anos. Firmino Martins empenhou-se recentemente na luta pela criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade, situado na antiga cadeia fascista do Forte de Peniche.

Nasceu em Paderne, concelho de Albufeira, em 1925, foi revisor da CP, aderindo ao Sindicato dos Ferroviários em 1946, do qual foi dirigente. Foi

militante do PCP desde o início dos anos 50 do século passado.

Foi perseguido pela PIDE e esteve preso na cadeia de Caxias na primeira metade da década de 50. Sofreu nova prisão, na cadeia de Peniche, entre Março de 1964 e Novembro de 1965. Nas lutas dos trabalhadores ferroviários, denominada Braçadeira Preta, em 1969, foi preso novamente, o que gerou uma enorme campanha pela sua libertação, que aconteceu um mês depois. Firmino



Martins saiu durante esse ano do país, exilando-se em França, onde ficaria até 27 de Abril de 1974.

## Francisco Lobo

Resistente antifascista, ex-presidente da Câmara Municipal de Setúbal e antigo membro da direcção da URAP (e director do seu Boletim), Francisco Lobo morreu a 27 de Novembro, no Barreiro, de onde era natural, aos 90 anos.

Francisco Rodrigues Lobo nasceu a 17 de Novembro de 1931, no Barreiro, onde viveu até 1965, data em que foi para Setúbal por motivos profissionais. Era operário na IMA, empresa de montagem de automóveis. Trabalhava desde os 14 anos numa metalurgia e foi preso pela

PIDE aos 20 anos, pela sua acção contra a ditadura.

Integrado nas listas da Aliança Povo Unido (APU), Francisco Lobo, membro do PCP desde 1974, cumpriu dois mandatos de três anos, entre 1979 e 1985, como presidente da Câmara Municipal de Setúbal.

Em 2008, publicou o livro Histórias de Setúbal /1974-1986, uma edição da URAP, no qual relata as memórias da revolução de Abril, nomeadamente as



primeiras manifestações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, legado que deixou porque, segundo afirmou, quando a «memória se perde é como se não tivesse existido».

ENTREVISTA A SILVESTRE LACERDA, DIRECTOR DA TORRE DO TOMBO

## *Quilómetros de história por palmilhar sobre o fascismo e a resistência*

Silvestre Lacerda é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e possui o curso de especialização em Ciências Documentais, opção Arquivo, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Director da Direcção-Geral dos Livros, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB), desde 2015, é responsável pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Silvestre de Almeida Lacerda, 63 anos, tem vasta experiência profissional a nível nacional e também internacional - destacando-se neste último o Programa Iberarquivos – Programa ADAI (Apoio ao Desenvolvimento de Arquivos na Iberoamérica); Associação Latino-Americana de Arquivos; Grupo de Peritos em Arquivos, junto da Comissão Europeia; Comissão Luso-Brasileira para a Salvaguarda do Património Documental - na área dos Arquivos, do Património Cultural, das Bibliotecas e leccionou na Universidade dos Açores e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Foto: Sofia Moia

Nesta entrevista ao Boletim da União de Resistentes Antifascistas Portugueses interessou-nos sobretudo conversar sobre as relações que o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) tem com a URAP.

**No ANTT existem documentos desde o séc. IX até aos dias de hoje, alguns deles referem-se ao período de resistência ao fascismo em Portugal (1926/74), pode-nos falar sobre eles?**

O ANTT possui 100 Km de documentos, sendo o maior arquivo português, sendo o original mais antigo datado de 882. Os arquivos como evidências das atividades humanas refletem as políticas administrativas desenvolvidas pelos Estados, nessa perspectiva todos os arquivos da época contemporânea estão associados às atividades desenvolvidas pelas principais personalidades e organizações, os quais se encontram, na sua grande maioria, no ANTT. Alguns arquivos encontram-se ainda nas respectivas instituições produtoras, como é o caso de órgão de soberania, por exemplo Presidência da República, Assembleia da República, os arquivos militares, os arquivos diplomáticos, os arquivos das forças militarizadas.

A pesquisa no ANTT pode ser feita presencialmente ou através da internet em <https://antt.dglab.gov.pt/pesquisar-na-torre-do-tombo/fundos-e-coleccoos/>



Pormenor dos ANTT

No ANTT encontram-se os arquivos das principais figuras e organismos do regime fascista português. Citemos a título de exemplo: o Arquivo António Oliveira Salazar, o Arquivo Marcelo Caetano, o Arquivo da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, o Arquivo das Polícias Políticas, o arquivo da Legião Portuguesa masculina e feminina, o Arquivo da União Nacional, o arquivo do SNI em particular o da Censura, entre outros. Também um conjunto de documentos de origem particular passaram a integrar o ANTT, sendo disso exemplo o da extinta Fundação Humberto Delgado, Arquivo do Partido Socialista, o Arquivo Pessoal Beatriz Cal Brandão, o Arquivo Manuel Tito de Morais (<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6074876>), entre muitos outros de resistentes ao regime fascista em Portugal e no estrangeiro.

**Como historiador, há algum documento, ou conjunto de documentos, que o impressione mais e que dê uma visão mais clara da ditadura e da resistência ao fascismo?**

Embora não seja historiador mas arquivista, o arquivo que mais impressiona pela sua dimensão e diversidade de documentação é o arquivo das polícias políticas, nomeadamente da PVDE e da PIDE/DGS e o seu ficheiro central constituído por cerca de 5 milhões de fichas de recolha de informação individual e coletiva, para além das cerca de 20.000 caixas e 500 livros, ocupando cerca de 2,5 Km de prateleiras.

**Quais são as principais formas com que este espólio tem sido enriquecido?**

Tem sido enriquecido por incorporação obrigatória por lei da Assembleia da República, por doações, por depósitos temporários (30 anos) e em colaboração com a Polícia Judiciária têm sido apreendidos vários documentos que se encontravam indevidamente em posse de particulares e que por lei deveriam estar nos arquivos públicos, em particular no ANTT.



Fachada da Torre do Tombo



Sala de leitura



Pormenor dos ANTT

**Cabe ao ANTT salvaguardar, valorizar e divulgar esses documentos. Como é que isso tem sido feito?**

Tem sido feito através da disponibilização em base de dados dos registos e imagens de documentos (<https://digitalq.arquivos.pt/>), através da realização de exposições físicas nas instalações do ANTT e virtuais, no sitio web <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/>, o apoio a realização de colóquios e publicações têm sido outras atividades desenvolvidas com frequência.

**Pode-se ir mais longe nessa divulgação? Como promover junto de jovens e estudantes?**

Têm sido promovidas visitas de estudo orientadas. Qualquer professor/orientador/animador pode solicitar e que pretendem promover junto dos jovens o conhecimento para uma cultura democrática. Dispõe de um espaço de Serviço Educativo [https://dglab.gov.pt/servicos/servico\\_educativo/](https://dglab.gov.pt/servicos/servico_educativo/)

**Em relação ao arquivo da PIDE, que informação se pode retirar desse tipo de documentos?**

O arquivo da PIDE encontra-se aberto a quem o queira consultar desde

que tenha mais de 18 anos. Qualquer cidadão maior de idade pode consultar este arquivo independentemente de ser o próprio ou seu familiar para fins de estudo, investigação ou por simples curiosidade. Também pode ser consultado para efeitos legais como por exemplo para contagem de tempo de serviço de prisão ou clandestinidade para efeitos de reforma.

Tratando-se de um arquivo policial é necessário ter em atenção que a informação que contém está altamente filtrada e serviu os interesses repressivos e não o esclarecimento da verdade. Muitas vezes anexos aos autos de perguntas a que o preso estava sujeito encontram-se documentos apreendidos desde simples correspondência até documentos partidários de maior responsabilidade, fotografias, agendas para marcação de encontros clandestinos, bandeiras e outro material de propaganda. Foi constituída uma coleção com mais de 1400 objectos que se encontra na base de dados com as respetivas imagens e que é possível consultar em: <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=4279957>

**Conhece-se o padrão de utilizadores que os solicitam e há dados estatísticos sobre as consultas?**

Os utilizadores que procuram estes documentos são muitos diversos entre eles

investigadores universitários, resistentes, familiares dos resistentes e cidadãos à procura de conhecimentos para a história local. A tendência tem sido de uma maior procura destes documentos conforme vão surgindo novos estudos.

**A cooperação entre o ANTT e a URAP tem sido vasta. Para além de utilizar salas para a realização de alguns eventos, tem tido o privilégio de usar os seus serviços para obter dados que reproduz em diversas publicações, nomeadamente sobre presos políticos. Que outras formas de colaboração vê como possíveis entre as duas organizações?**

Neste momento está a ser organizado um programa de voluntariado com a URAP para a digitalização integral das ordens de serviço dos 100 volumes das polícias políticas o que nos vai permitir conhecer em detalhe e com maior rigor o movimento, as capturas e transferências de presos entre as várias cadeias do regime.

A cedência mútua de informação tem permitido complementar e melhorar a qualidade do conhecimento adquirido, nomeadamente nas publicações existentes.

# URAP ASSINALA CENTENÁRIO DO PCP

## *A mais destacada força de oposição ao fascismo*

A URAP assinalou o centenário do Partido Comunista Português, por ter sido esta a força que «exemplarmente se bateu, como nenhuma outra, décadas seguidas, contra o regime fascista», afirmou o coordenador da URAP no auditório da Escola Secundária de Camões, em Lisboa.

José Pedro Soares falava, dia 27 de Novembro, numa sessão pública destinada a «evocar e celebrar os 100 anos do PCP» como partido que «se bateu contra o fascismo, mas também, depois, para que a Revolução triunfasse e o fascismo fosse derrotado, para que direitos e conquistas sociais, políticas, culturais, económicas fossem alcançados, se realizassem eleições, e se elaborasse e promulgasse a nova Constituição que viria a inscrever todas essas importantes conquistas».

Outro orador seria Manuel Rodrigues, da Comissão Política do Comité Central do PCP e director do jornal Avante!, que com José Capucho, do Secretariado e da Comissão Política, constituíam a delegação presente na cerimónia.

Manuel Rodrigues saudou a URAP «pela homenagem aos 100 anos do PCP, associando-se desta forma às comemorações do centenário deste partido, que tiveram o seu ponto culminante a 6 de Março de 2021, e prosseguem até 6 de Março de 2022, com a realização do comício do seu 101.º aniversário, no Campo Pequeno, em Lisboa».



### Lugar à cultura

Na presença de mais de uma centena de pessoas, foram apresentados vídeos que mostravam variadas lutas nas quais esteve envolvido o PCP: a chegada de Álvaro Cunhal a Lisboa; o cortejo fúnebre dos presos mortos no Tarrafal para o cemitério do Alto de S. João; imagens do 25 de Abril de 1974; da libertação dos presos políticos de Caxias e Peniche; e de manifestações no pós 25 de Abril.

Estas exposições foram entrecortadas por depoimentos de Maria José Ribeiro, da direcção da URAP e do núcleo do Porto; Levy Baptista, presidente da Assembleia Geral da URAP; e ainda os jovens Nicole Santos, Ruben Martins e Seyne Torres.

Na assistência, muito diversificada, estiveram presentes sócios de Almada, Amadora, Barreiro, Beja, Évora, Lisboa, Loures, Montemor-o-Novo, Peniche, Santa Iria da Azóia e Seixal. Estiveram também representantes de organizações como a JCP, Casa do Alentejo, CGTP, Associação Iuri Gagarine, e Intervenção Democrática. E ainda assistiram pais e familiares do Coro Infantil da Universidade de Lisboa, que encerrou a sessão, dirigido pela maetrina Erica Mandillo.

Anteriormente foram entoadas canções de resistência e música por José Barros, Ruben Martins e Maria Anadon e Davide Zacarias; Regina Correia disse poemas de Ary dos Santos. Acordai, com música de Fernando Lopes Graça e poema de José Gomes Ferreira, encerrou a comemoração.

## SEARA NOVA

De modo a assinalar os 100 anos da revista Seara Nova, que este ano se comemora, a URAP marcou uma sessão evocativa no dia 15 de Dezembro na sala de conferências da Torre do Tombo. Nessa sessão, de que daremos notícia na próxima edição, eram oradores convidados a jornalista Catarina Pires, o economista Sérgio Ribeiro, o presidente da Assembleia Geral da URAP, Levy Baptista, e o coordenador José Pedro Soares.



## BOAS FESTAS COM UMA URAP MAIS FORTE E ACTIVA

Ao aproximar-se a quadra festiva do Natal e do Ano Novo, a URAP olhando o futuro e a necessidade do reforço da sua actividade e intervenção - tão necessárias nos exigentes tempos em que vivemos - apela à contribuição financeira dos sócios, amigos e de todos quantos reconheçam valor e premência à acção antifascista. O contributo pode ser efectuado através dos núcleos ou por transferência bancária através do NIB 0007 0021 0014 3750 00653, dando-a a conhecer para [geral@urap.pt](mailto:geral@urap.pt).



[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](https://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)